

Conversa Final

O ministro da Fazenda, Pedro Malan, acompanhado do presidente do Banco Central, Gustavo Franco, iniciou ontem em Nova Iorque périplo pelos principais centros financeiros internacionais. Ao longo da semana, vão explicar a banqueiros e investidores de Londres, Paris, Frankfurt e Zurique os detalhes do crédito garantido de US\$ 41,5 bilhões ao Brasil e o programa de ajuste fiscal.

A oportunidade é única para o Brasil virar um jogo, que a alguns precipitados parecia perdido, e tirar proveito do crédito de confiança das 20 nações mais desenvolvidas do mundo, com o respaldo de organismos multilaterais como o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial, o BID e o BIS – o Banco Central dos bancos centrais.

Logo depois que a Rússia aplicou o calote em sua dívida externa, gerando uma onda de pânico que paralisou o crédito internacional, o Brasil foi apontado por banqueiros e economistas estrangeiros como país à beira da insolvência e na iminência de desvalorizar o real. A equipe econômica e o governo brasileiro reagiram com veemência e indignação às críticas, que não conseguiam disfarçar interesses próprios dos que apostaram pesado contra os papéis brasileiros.

Se houvesse forte desvalorização do real, os que apostaram contra o Brasil fariam fortuna. A fuga de capitais superior a US\$ 35 bilhões nos 45 dias seguintes ao calote russo é parte do processo. Parcela do dinheiro era do chamado *smart money*, o dinheiro especulativo que quer grandes lucros mas é avesso a ris-

co. Outra parte era de capitais de brasileiros que apostaram contra o próprio país. E uma terceira parte foi de dinheiro utilizado por bancos e empresas brasileiras para recomprar suas próprias dívidas em bônus cotadas pela metade do valor de face.

Como o crédito internacional parou e não havia mercado para rolar as operações anteriores, o país teve de assistir a uma angustiante sangria de divisas. Só a equipe econômica não se desesperou. O ministro Pedro Malan começou a insistir, na reunião conjunta do FMI e do Banco Mundial em setembro, em Washington, na necessidade de redução das taxas de juros nos Estados Unidos e na Europa, para compensar o efeito recessivo da crise da Ásia e da América Latina sobre a economia mundial, e na urgência da montagem de nova arquitetura nas finanças internacionais, em substituição ao acordo de Bretton Woods, de 1944.

Os que apostaram contra o Brasil dobraram as apostas, insistindo na necessidade de desvalorizar o câmbio, e aumentaram no Congresso a resistência ao Programa de Estabilidade Fiscal. O Brasil conseguiu aquilo de que todos duvidavam: um *cheque especial* de US\$ 41,5 bilhões dos países ricos. Tem de apresentar, como garantia, um programa de ajuste fiscal para os próximos três anos (o PEF). Agora vem o mais difícil: convencer os banqueiros a reabrirem o crédito para o Brasil. Ou, pelo menos, renovar as linhas que estão vencendo. Já há ofertas de renovação, mas a custo e prazos apertados. O crédito garantido dá mais força e paciência ao Brasil para esperar dias melhores.